

enche de orgulho e de ilusões e nos projeta num mundo de dores atrozes, após o desligamento do Espírito, longe da multidão ignara que nos incensava. Ainda nos acautela contra as falsas delícias amorosas, que, após a morte do corpo, se transformam em chamas torturantes para o Espírito.

— /// —

Soneto V

29-11-1946

*Doce Mãe, Sereníssima Senhora,
Dos teus olhos velados de Doçura
Nasce fresca a alvorada, que fulgura
Na infortunada sombra de quem chora!*

*Quando meu ser vagava em noite escura,
Nas angústias do abismo que apavora,
Estendeste-me os braços, vendo, embora,
Minhas chagas de treva e de loucura...*

*Ante o Regaço Fúlgido consente
Que minha fé se exalte, embevecida,
Prosternada, ditosa, reverente.*

*Recebe no dossel de Graça e Vida
O louvor de teu filho penitente,
No clarão de minh'alma convertida. (*)*

Depois de nos prevenir contra os vícios, quais o orgulho, a vã curiosidade, a concupiscência e a vaidade, o poeta nos dá exemplo de submissão e de reconheci-

(*) Este soneto foi escrito enquanto nosso confrade Ismael Gomes Braga fazia a prece de encerramento da sessão pública, que se estendera por três horas de trabalhos mediúnicos ininterruptos. O presidente implorava a proteção de Maria para os sofredores encarnados e desencarnados. — *Nota do mesmo confrade.*

mento pelos bens recebidos. Assim, ele se dirige, humilde, a Maria Imaculada, pondo-lhe aos pés sua *gratidão*, pela graça de socorrê-lo na treva, e *louvando-a*, por lhe ter convertido a alma, agora iluminada. Desta maneira, o poeta nos apresenta a prece como *dever* da criatura, que espera dos Espíritos superiores o auxílio nas situações aflitivas em que se encontre; e esse precioso auxílio lhe vem nas horas de cegueira d'alma ou nos momentos de perturbação e desatino do Espírito.

O soneto acima parece ser consequência deste outro, que o poeta compôs na Terra e em que invoca o amparo da mesma "Virgem das Virgens":

*"Tu, por Deus entre todas escolhida,
Virgem das virgens, tu, que do assanhado
Tartáreo monstro com teu pé sagrado
Esmagaste a cabeça entumecida:*

*Doce abrigo, santíssima guarida
De quem te busca em lágrimas banhado,
Corrente com que as nódoas do pecado
Lava uma alma, que geme arrependida:*

*Virgem, de estrelas nítidas c'roadá,
Do Espírito, do Pai, do Filho eterno
Mãe, filha, esposa, e mais que tudo amada:*

*Valha-me o teu poder, e amor materno;
Guia este cego, aranca-me da estrada,
Que vai parar ao tenebroso inferno!*

Eis, pois, outra faceta da prece: a *súplica* de amparo, nunca negado a quem pede com sinceridade e condição: "*Cor contritum et humiliatum Deus non despiciet*".

Soneto VI

30-11-1946

*Quem no Gozo consome a luz divina,
Audaz queimando a lúcida candeia,
Do Capitólio vai para a Tarpeia,
Na cova onde a aflição ruge e domina.*

*Desventurado intento, dura sina,
Do gozador que, mísero, tateia,
Rogando claridade à casa alheia,
Ao resplendor solar que ele abomina.*

*Desgraçado o destino que se entrega
À prepotência vil, à guerra acesa
Dos instintos da carne escura e cega!*

*O' Céus! que atroz suplício, que tristeza
No mendigo da luz, que a luz renega
Às trevas abismais da Natureza!*

Ensina que, pelo cultivo do gozo físico e de outras modalidades de sensações materiais, o homem extingue em si mesmo a luz divina da espiritualidade; a criatura